

GLACIELLE ANTUNES
SHEILA VATRIN PERES MOROZINI

**A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO CAMPO POR MEIO DE
OFICINAS PEDAGÓGICAS**

GUARAPUAVA-PR
2012

RESUMO

A Educação do Campo esta sendo cada vez mais frequente em discussões a fim de obter melhorias, assim como a educação integral que mesmo sendo lhe dado grandes contribuições há necessidade de aprimoramento, com esta pesquisa buscamos contribuir com alguns aspectos da educação do campo e da educação integral somando as duas, sabemos da importância da busca de uma identidade relacionada à cultura do campo e das contribuições que a escola deve fornecer para que isso aconteça. Assim este trabalho é caracterizado como uma pesquisa de cunho etnográfico fundamentado como método do trabalho descritivo, foi realizada em uma escola integral do campo no Município de Guarapuava-Pr. sendo participantes da pesquisa os professores regentes das oficinas. Para realização desta pesquisa foram aplicados questionários direcionados aos professores do estabelecimento a fim de percebermos como se estabelece a valorização da cultura do campo na escola através das oficinas pedagógicas. Então, analisados os dados percebemos assim qual é a importância da criação da identidade cultural do homem do campo para a fixação dele no seu ambiente sem a perda do conhecimento científico integrado ao conhecimento cultural devendo ser realizado nas oficinas através da metodologia dialógica levando em consideração o interesse dos alunos.

Palavras-chave: Escola Integral, Educação do Campo, Oficinas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

As escolas que possuem atendimento integral também possuem uma dificuldade a mais, fazer com que as atividades realizadas sejam mais interessantes, para que os alunos possam realizá-las sem que sejam cansativas.

Assim é necessário estar atento às necessidades da comunidade escolar e ao meio onde a escola está inserida, para que assim possamos descobrir quais oficinas que seriam mais condizentes com a realidade escolar, favorecendo assim o desenvolvimento global do aluno.

Ao entendermos a questão da cultura valorizando-a não significa que entendemos que ela seja epistemologicamente superior as outras instâncias sociais, mas desta forma, assiste-se a uma verdadeira virada cultural não porque assume um centro ou uma posição privilegiada mas porque perpassa tudo o que acontece em nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos. (Hall, 1997).

Desta forma devemos descobrir quais as principais contribuições das oficinas pedagógicas para a valorização da cultura do campo, tendo em vista que é um tempo a mais

em que os alunos permanecem na escola e deve ser valorizado. Assim temos como objetivo identificar a importância das oficinas pedagógicas para a valorização da cultura do campo.

A escola de período integral nos favorece uma dinâmica diferenciada, primeiro por se uma escola de campo, depois por contar com os alunos em período de tempo integral, nesse tempo em que a escola disponibiliza seria melhor fazer com que a escola possibilitasse aos alunos algo diferenciado.

Ao identificarmos a educação no campo com suas principais características e analisarmos a importância de um trabalho pedagógico diferenciado que valorize a educação do campo, poderemos propor um trabalho por meio de oficinas pedagógicas.

REVISÃO DE LITERATURA

1.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS PARTICULARIDADES

A educação do campo há muito foi discutida, até chegar ao processo de educação que temos nos dias de hoje. Mas percebemos que a mesma dificuldade que existia nos tempos de antes ainda é o que nos preocupa como educadores e que se torna um grande desafio nos dias de hoje, referimo-nos à migração dos povos do campo para a cidade.

A Educação do campo era considerada desnecessária, pois havia uma visão estigmatizada com relação aos povos do campo, a educação escravocrata e de modelo europeu, existente tinha como modelo a estrutura fundiária brasileira, onde priorizava atender algumas demandas educacionais básicas e promover formação e treinamento para mão de obra.

Muitas das migrações que ocorreram superlotaram cidades e ampliaram favelas, sem comentar algumas peculiaridades como fome, e a falta de higiene, assim houve maior número de discussões sobre a educação rural onde a iniciativa privada percebia neste processo uma busca de mão de obra para o trabalho agrícola, ainda hoje há dificuldade de fixar o homem no campo.

Como afirma Leite (1999, p. 28),

[...] a sociedade brasileira somente despertou para a educação rural por ocasião do forte movimento migratório interno dos anos 1910 - 1920, quando um grande número de rurícolas deixou o campo em busca das áreas onde se iniciava um processo de industrialização mais amplo.

Assim, tendo como foco fixar o homem no campo houve uma organização maior com relação à educação e acreditamos que ainda existam muitas mudanças para acontecer que venham beneficiar a educação no campo, para que as crianças que lá estudam venham sim para a cidade e se formem, e posteriormente voltem para o campo para lá construírem suas vidas.

Para que isto realmente aconteça há muito, o que se fazer, pois ainda há muitas falhas, que se deve através de uma prática dialógica procurar sanar, o próprio estado deve olhar com mais cuidado aspectos que fariam diferença com relação à educação no campo, como estrutura física, transporte e a formação dos professores.

Compreender a educação do campo é mais do que apenas estar inserido neste contexto como professor, é ir além, é compreender e transmitir principalmente a importância e os benefícios de ser e estar no campo, também ressaltar a questão de interdependência.

Visando a história da educação rural no Brasil, no Paraná e em Guarapuava e Região, por meio de critérios sócio-histórico-pedagógicos, identificam-se quatro tendências: a) mítico-ruralista (que mitifica o campo como espaço bucólico e paradisíaco, e apresenta uma visão cultural asséptica e romantizada do homem rural como um ser ingênuo e indefeso a ser fixado à terra e à sua cultura própria); b) urbanizadora (que apregoa a necessidade de uma educação rural moldada pelas concepções urbanas, pelas quais há de se levar o progresso ao homem rural, vinculando-o ao sistema produtivo, a partir da ótica capitalista); c) crítico-radical (filiada à matriz do dogmático, entendendo a educação como instância superestrutural determinada pela base econômica, não concebe um papel transformador para a educação rural, já que a supõe como mecanismo reprodutivista) e d) democrático-transformadora (que atribui à educação um papel transformador, na medida em que a realiza de forma interligada aos demais mecanismos sócio-culturais, dentro de uma concepção emancipatória e conscientizadora, pela qual a sociedade rural afirma sua identidade e assume seu papel como sujeito de seu próprio desenvolvimento) que nos faz acreditar numa possibilidade sintetizadora de elementos significativos das demais. Também pelo fato de ser mais compatível com as necessidades do mundo contemporâneo. (FONTE)

Tendo presente alguns elementos da pedagogia histórica crítica e do pensamento construtivista e sócio interacionista cremos numa educação que instaure como processo formativo/informativo, consciente e coletivo de desenvolvimento integral de indivíduos ou grupos geo-historicamente situados.

Através do redimensionamento do saber sistematizado, através do resgate e revitalização da cultura popular, assim como do cultivo de valores éticos, esse tipo de educação deve ter em vista a felicidade, a realização pessoal e coletiva para a transformação social, ou seja, para a construção de uma sociedade mais humana, solidária, democrática e cidadã. (FONTE)

Com relação a esses grandes objetivos, pode-se dizer que a educação deve buscar o fortalecimento da identidade do homem e do meio rural, partindo da preservação de seus valores e de sua cultura, porém, esse resgate ético e cultural deve ocorrer à luz de novos conceitos, provenientes do avanço técnico-científico e das novas necessidades, que assinalam o mundo contemporâneo e que, direta ou indiretamente, modificam o meio físico e cultural.

Nessa perspectiva, a escola rural torna-se um importante espaço para a construção histórico-cultural, à medida que se propõe a oferecer um ensino básico de caráter universal, porém adequado e complementado por conteúdos e enfoques metodológicos que consideram as exigências e as peculiaridades do meio. Assim, a prática educativa escolar deve valorizar as experiências de vida e a bagagem cultural do aluno, oportunizando vivências comunitárias e situações outras que o conduzam a uma constante reflexão crítica e conscientizadora.

Em parceria com outras instituições sociais, a escola poderá ensejar a construção coletiva da cidadania em uma democracia, único modo de encaminhar a sociedade rural às transformações necessárias, sem rupturas violentas que dilaceram o tecido social.

A educação escolar, nesta proposta, adquire contornos mais amplos e implica aspectos de natureza técnico-pedagógica e também política, num contexto indissociável, exigência no que se refere ao perfil do educador do campo: competência profissional e compromisso político.

2.1 CURRÍCULO ESCOLAR

A priori se faz necessário que entendamos o que é um currículo, para assim podermos analisar qual é o seu papel no âmbito escolar. Forquin (1996) (citado por SOUZA JUNIOR, 1999) diz que o “currículo é o conjunto do que se ensina e se aprende, tendo como referência alguma ordem de progressão, podendo ir além do que está escrito/prescrito.”

O autor ainda acrescenta que “currículo num sentido geral e abstrato é a dimensão cognitiva e cultural do ensino, ou seja, seus conteúdos, saberes, competências, símbolos e valores” (1999 p. 03)

Para Moreira & Silva (1995, p. 28)

O currículo não é veículo de algo transmitido e passivamente absorvido, mas o terreno que ativamente se criará e produzirá cultura. O currículo é, assim, um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão.

O currículo é um grande instrumento da escola que potencializa discussões no aspecto político, social e cultural. O currículo, de acordo com Souza Junior, estabelece os componentes curriculares (disciplinas), “em meio a conflitos e contradições”.

As disciplinas são componentes do currículo escolar, sendo que em cada disciplina estão contidos conteúdos específicos, conteúdos esses que selecionados organizados devem contribuir para a aquisição do conhecimento dos alunos.

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.29)

Cada matéria ou disciplina deve ser considerada na escola como componente curricular que só tem sentido pedagógico à medida que seu objetivo se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo.

De um modo mais amplo, currículo, em educação, significa um conjunto de situações, experiências ou oportunidades oferecidas ao aluno sob a orientação da escola.

Sob a égide da educação democrático-transformadora que ora propomos, o currículo deve traduzir um processo vivificante e vivificador. Esse processo ocorre através das relações humanas, do diálogo, de experiências compartilhadas, de ações presentes que também se nutrem do saber adquirido pelas vivências anteriores, permeados, agora, pela esperança em futuras descobertas e novas construções.

Nessa perspectiva, pode-se concordar com o pensamento de Forquin (1996) (citado por Souza junior, 1999) que propõe como características essenciais para o currículo "o diálogo humano", "conteúdos culturais e existenciais", "uma ação relativamente sistemática" e "a transformação pessoal e social”

Quando se busca uma educação rural contextualizada e interdisciplinar, não se pode deixar de relacionar o currículo escolar com a cultura. Isso quer se tome a educação escolar como formação, quer como transmissão do conhecimento ou, ainda, como preparação para o trabalho.

Ao entendermos e valorizarmos a cultura local e compreendendo o fenômeno da realidade brasileira visando o homem do campo e suas organizações que acaba por incidir sobre a política de educação segundo Caldart (2012, p.257)

Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, dos conhecimentos e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

"A cultura é um conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última. Através dela, o aluno conhecerá suas raízes, aprenderá coisas novas e terá uma verdadeira formação." (FORQUIN, 1993).

Assim, a palavra cultura pode ser usada com sentidos diferentes, pois nela encontramos uma faceta individual e uma faceta coletiva, um polo normativo e um polo descritivo, uma ênfase universalista e uma ênfase diferenciada. Esses aspectos devem ser observados pela Escola para que não considere a educação apenas como conjunto das disposições e das qualidades inerentes do espírito "cultivado", e nem apenas como conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade.

A preservação dos valores culturais de um povo não pode significar estagnação em formas de vida ultrapassadas, por outro lado, a corrida para o desenvolvimento não deve resultar na destruição de valores éticos e culturais, fundamentados, muitas vezes, numa sabedoria liberal. Muitos valores foram assim eliminados em povos menos desenvolvidos pela expansão da sociedade de consumo que acabou por destruir o admirável equilíbrio ecológico que estes povos mantinham com seu meio ambiente.

É preciso reconhecer que a educação implica um esforço voluntário com vistas a conferir aos indivíduos as qualidades, competências, disposições, que se tem relativamente ou intrinsecamente desejáveis, e que para isto nem todos os componentes da cultura no sentido sociológico são de igual valor.

É interessante, pois, a busca, por parte dos educadores, de instrumentos que preparem os indivíduos para a vida social, para o trabalho, para o cultivo da subjetividade, sem degradá-los, sem submetê-los à opressão social ou aliená-los.

A Escola como um espaço político, deve ministrar um conjunto de disciplinas de maneira que o jovem adquira o saber necessário para não se deixar enganar enquanto sersocial e sujeito produtivo num determinado contexto. O conhecimento científico aparece como

suporte para a formação da cidadania, instrumento básico para o salto qualitativo entre consciência crítica.

Para tal, o professor precisa romper com sua leitura superficial da sociedade, mergulhando em um oceano profundo e diversificado de saberes: sociologia, história, psicologia, economia, ciências políticas, até mesmo linguísticas. Somente o conjunto dessas disciplinas vai dar-lhe competência para orientar seus alunos, processando um currículo contextualizado e interdisciplinar.

Nesse âmbito, a Escola do meio rural, tem como objetivo oferecer um ensino de qualidade, de difusão de conhecimentos, instrumentos de acesso das camadas populares ao saber, aos processos de emancipação e de autonomia, cumprindo função não só de transmissão de conhecimentos, mas também de laboratório formador de trabalhadores cidadãos.

Sendo assim, a escola deve ser considerada como mediadora entre o culto e o popular, entre os meios de produção e seus agentes, levando em consideração a cultura, a economia, a história e o meio físico onde o aluno vive.

Portanto, entende-se que esse saber popular deva ser pedagogicamente valorizado, resgatado e preservado em seus valores essenciais e ampliados pelo confronto e com conhecimento técnico-científico universalizado.

Preconiza-se, dessa forma, um desenvolvimento rural de natureza endógena, baseado na autonomia dos sujeitos e direcionado aos objetivos de realização pessoal e coletiva, através de práticas emancipatórias típicas da cidadania. (DCE do Campo, 2002)

Existem algumas considerações interessantes sobre a cultura, que devem ser refletidas no planejamento e execução de um currículo escolar, vinculado diretamente ao mundo do trabalho.

Como afirma Forquin (1993) (citado por SOUZA JUNIOR, 2001, p.82) “o currículo é fruto de uma seleção da cultura, destinada a ser transmitida às novas gerações”.

A preservação dos valores culturais de um povo não pode significar estagnação em formas de vida ultrapassadas, por outro lado, a corrida para o desenvolvimento não deve resultar na destruição de valores éticos e culturais, fundamentados, muitas vezes, numa sabedoria liberal.

Muitos valores foram assim eliminados em povos menos desenvolvidos pela expansão da sociedade de consumo que acabou por destruir o admirável equilíbrio ecológico que estes povos mantinham com seu meio ambiente.

Desta forma devemos estar atentos com relação ao nosso currículo escolar e planejamento, pois ele favorece ou não a cultura escolar.

2 METODOLOGIA

Através deste procedimento investigativo pretende-se analisar “à luz dos preceitos de pesquisa de cunho etnográfico” (ANDRÉ,1995; MOLINA NETO, TRINVIÑOS, 2004) através de uma pesquisa de campo, como o professor se posiciona diante e como realiza seu trabalho pedagógico.

A etnografia nos possibilita reflexão e segundo Molina Neto, (2004, p.116), nos promove:

O exercício do pensamento dialético entre a teoria e a prática, entre o fato e a reflexão, entre a objetividade e a subjetividade, já que tanto o investigador como o investigado estão impregnados do contexto mais amplo.

Sendo fundamentado como método do trabalho descritivo, a pesquisa etnográfica proporciona ao pesquisador varias formas de coleta e analise dos dados, onde Cohen e Manion (1990, citados por MOLINA NETO 2004, p. 132) definem a “triangulação como o uso de várias formas de coletas de dados, que proporciona uma visão ampla da complexidade do estudo”, além de ajudar a superar o problema da “limitação do método”

Esta pesquisa foi realizada em uma escola integral do campo no Município de Guarapuava-Pr. sendo participantes da pesquisa os professores regentes das oficinas.

2.1. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

As oficinas pedagógicas são de extrema importância para o aprendizado de uma escola integral, porém há necessidade de se estar replanejando essas oficinas tendo em vista que o aluno permanece na escola no período integral, acreditamos que este momento é extremamente rico, para desencadear o processo de ensino aprendizagem, principalmente no que se relaciona com o campo.

Pois não há como disseminar a cultura escolar e a do campo, Furquin (1993, p. 167), chama a cultura escolar de “mundo social” da escola, ou seja, “características de vida

próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos”.

Principalmente na escola de campo não podemos desconsiderar a representação cultural/ social que implica diretamente na educação.

Pois a representação social torna-se essencial para compreender mecanismos que interferem no processo educativo, pois as interações sociais vão criando consensos que constituem verdadeiras "teorias" do senso comum (Alves-Mazzotti, 1994)

Assim esse tempo em que a escola se dispõe poderia ser priorizado para a cultura do campo, além das formas utilizadas pelos professores no horário pedagógico em cada disciplina ao realizarem a contextualização.

Após o questionário aplicado observamos que as oficinas realizadas na escola são as de teatro, experimentos científicos, atualidades, bordado, informática, violão, português, matemática, pintura e dança.

As oficinas de bordado e pintura não podem negar à cultura do campo, antigamente o bordado, o crochê e outras atividades manuais eram realizadas com frequência e eram passadas de mãe para filha, por uma questão cultural e também econômica.

Não será dada ênfase, às oficinas que não são consideradas pedagógicas, como a dança, a de artesanatos e bordado, porém é de suma importância que seja ressaltado as mesmas pela identificação que se tem com o homem do campo, tendo em vista que a dança quando trabalhada procura estar voltado para o tradicionalismo, também a pintura e o bordado por fazerem parte da prática cotidiana do campo.

As oficinas trabalhadas pedagogicamente visam aprendizagem e o aprimoramento do conhecimento cada qual voltado para a sua disciplina, assim a oficina de Matemática tem por objetivo “pensar de forma lógica estimulando a curiosidade”, já a de Português, tem como objetivo “trabalhar a reforma ortográfica através do lúdico”.

Quanto à oficina de atualidades, “Possibilita aos alunos o acesso e a discussão de assuntos de acontecimentos atuais da sociedade, desde a escola local até o mundial”, a oficina de teatro procura “desenvolver a solidariedade, respeito e compromisso com o trabalho de todo o grupo e com o próprio trabalho”, na oficina de experimentos científicos procura-se desenvolver na prática o que esta na teoria.

Nesta escola, a questão da contextualização é frequente, todos os professores são orientados a estar trabalhando o seu conteúdo de forma contextualizada com os conteúdos que são específicos do campo, também os alunos participam de uma aula de campo por semana, com um professor técnico agrícola, neste aspecto os conteúdos do núcleo comum acabam

sendo direcionado para a comunidade escolar de forma dinâmica, e assim fornecendo maior conhecimento aos alunos.

De uma forma geral os professores entendem que contextualização é “as questões relativas ao campo, passando todos os conteúdos trabalhados nas disciplinas”.

Portanto, a ideia de contextualidade associa-se, então, ao entendimento da educação numa visão holística, ao caráter inter e transdisciplinar da ciência, remetendo o educador à busca da qualidade educacional, numa perspectiva histórica que ressignifica os conceitos de currículo, cultura, trabalho, linguagem, cidadania entre outros.

Uma proposta de ensino contextualizada se clarifica, ainda, através de imagens próprias da educação popular freireana, principalmente a chamada leitura de mundo, que deve preceder à própria leitura da palavra (FREIRE, 1986, p. 22). Essa leitura de mundo, que em seu sentido simbólico, expressa uma estreita relação texto-contexto, deve constituir-se num dos fundamentos de currículo da escola do campo, sob o prisma da contextualidade.

Ainda em uma abordagem holística da ciência e na busca de uma educação mais democrática, a interdisciplinaridade, imbricada ao conceito da contextualidade, torna-se elemento indispensável para um ensino eficiente. Mais do que um procedimento metodológico, a interdisciplinaridade constitui-se segundo Ivani Fazenda, numa “questão de atitude” e, como tal, deve também ser tomada como um critério de qualidade.

Segundo FAZENDA (1992, p. 49), a interdisciplinaridade “impõe-se não como forma de compreender e modificar o mundo, mas também como exigência interna das ciências, que buscam o restabelecimento da unidade perdida do saber”.

A proposta de ensino, busca tratar os conteúdos das diversas áreas do currículo escolar de forma contextualizada e interdisciplinar, considerando as múltiplas dimensões do educando (biológico-psicológico-social) e enfocando as diferentes interfaces do conhecimento, num rico processo de formação integral e de desenvolvimento das potencialidades humanas.

Nesse processo, reafirma-se a importância da linguagem sendo um fator privilegiado de entendimento entre os homens, de expressão cultural, de socialização e de participação.

Essa capacidade comunicativa e interativa, necessária ao exercício da cidadania, pressupõe uma bagagem cultural básica que permita ao indivíduo constituir-se em sujeito histórico, ou seja, em condições de localizar-se com lucidez no seu tempo, espaço e circunstâncias e de assumir o comando de sua realização pessoal e social, criando e transformando a realidade em comunhão com seus semelhantes. Assim, o estudo interdisciplinar das linguagens, História, da Geografia, da Ecologia, das Ciências Naturais e

das demais áreas do conhecimento, holisticamente tratadas, contribuirá para a ressignificação da ciência. Favorecerá a reinserção integrada e integradora do homem (ser biológico-cultural-espiritual) no universo, também esse, passível de reunificação não só pela unidade do conhecimento, mas também pela solidariedade.

Na construção de nosso referencial teórico-metodológico, tentamos fazer a mediação entre ambos os conceitos, apregoando uma interdisciplinaridade imbricada ao conceito de contextualidade, considerando as múltiplas dimensões do educando e das comunidades do campo inseridas num mundo social mais amplo que interfere no seu próprio processo de transformação, mas que também pode ser influenciado pelas forças sociais que se forjam no campo.

Portanto, sabemos que o trabalho pedagógico não ocorre repentinamente, mas é fruto de análise e diálogo entre os alunos e o professor.

Pensamos que ensinar exige pesquisa, paciência e respeito. E se tratando da educação do campo, a pesquisa é essencial, pois ao descobrir, vivenciar e explorar a vida cotidiana dos alunos o professor terá mais elementos para construir seu planejamento e organizar suas aulas de forma contextualizada com a realidade do campo.

A escola busca proporcionar ao aluno que se encontra no meio rural um ensino básicodiferenciado, voltado para a sua realidade de vida, de ambiente familiar, comunitário e de trabalho.

Na busca de um novo modelo educacional, que não seja apenas a reprodução dos modelos utilizados na escola urbana, o projeto traz um embasamento filosófico, político e pedagógico para transformação da educação do campo e uma educação integralizadora, que fortaleça a identidade e a conscientização dos povos do campo, valorizando as suas experiências, sua cultura e o modo de vida próprio.

Com esta visão o enfoque pedagógico e metodológico do ensino do campo é diferenciado, tendo como base os projetos especiais que farão a ligação entre a estrutura curricular e o ambiente de desenvolvimento das vivências e de bagagem cultural do aluno.

Os projetos especiais das oficinas deveriam ser desenvolvidos em duas áreas, a área agropecuária e a área cultural, sendo estes os principais pontos que diferenciam o meio de vida urbano e rural.

Os projetos especiais agropecuários visariam primeiramente auxiliar na formação educacional básica dos alunos, utilizando-se dos temas que lhes são familiares, ou seja, o meio rural, colocando as áreas desconhecidas do ensino básico dentro desse contexto.

Além de contextualizar o ensino com o meio agrícola, o projeto também tem a função de atuar como fonte de integração entre as disciplinas, o que conhecemos com interdisciplinaridade um elemento pedagógico.

Trazendo questões pertinentes ao local onde os alunos estão inseridos faz com que a valorização do campo aconteça e isso significa criar vínculos com a comunidade e gerar um sentimento que pertença ao lugar e ao grupo social, possibilitando criar uma identidade sociocultural que leva o aluno a compreender o mundo e transformá-lo.

Os alunos têm formas específicas de participação e integração com os projetos agropecuários, devido às suas diferentes faixas etárias e aos diferentes níveis que se encontram no processo de aprendizagem.

Todo esse trabalho com projetos além de funcionar como instrumento de ensino do conteúdo curricular básico, eles também são instrumentos dos ensinamentos técnicos e científicos que envolvem a produção agropecuária, proporcionando ao aluno uma carga de conhecimento extracurricular, voltado também para o conhecimento técnico, que será extremamente útil para o seu futuro como pessoa do meio agrícola.

Assim como os projetos de oficinas voltados para o meio agrícola são importantes não poderíamos deixar de lado os projetos da área cultura que envolvem os temas como artes plásticas, teatro, cinema e vídeo, todos primeiramente voltados para a valorização e o incentivo da cultura popular, própria do ambiente rural, e posteriormente abrangendo-se todas as formas de cultura, não só a regional, mas também a cultura nacional e mundial.

Os projetos de oficinas culturais visam ampliar a cultura das crianças camponesas, demonstrando as diversas culturas existentes proporcionando alavancas para o seu crescimento e desenvolvimento, formando cidadãos capazes de se auto-afirmar e buscar seu espaço com dignidade na sociedade.

Para tanto apresentamos alguns modelos de projetos de oficinas que poderiam ser desenvolvidos na escola do campo.

- Projeto de cultivo para culturas anuais.
- Projeto de oleicultura e plantas medicinais;
- Projeto de cultivo em estufas;
- Projeto de compostagem e produção de húmus;
- Projeto especial de pecuária
- Projeto oficinas de experiências;
- Projeto oficina reciclar e separar;

- Projeto oficina de teatro;
- Projeto atualidades;
- Projeto oficina de leitura;
- Projeto informática interativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação do Campo é vista hoje como uma forma de manter os camponeses no local onde mora, o fato de se ter uma educação de qualidade no campo faz com que os alunos possam permanecer no ambiente sem prejuízos com relação ao conhecimento científico e aprendam valorizar a sua cultura local, pois um dos objetivos da escola de campo é fazer com que os alunos estudem e se mantenham no campo evitando assim o êxodo rural.

De acordo com as Diretrizes Curriculares do Campo

A escola vai além de um local de produção e socialização do conhecimento, sendo espaço de convívio social, onde acontecem reuniões, festas, celebrações religiosas, atividades comunitárias como bazar, vacinação etc., que vivificam as relações sociais na comunidade, potencializam-lhe a permanente construção de uma identidade cultural e, em especial, a elaboração de novos conhecimentos. (p.34).

Sabendo assim da importância da escola de campo e após análise dos questionários verificamos que a escola busca integrar a cultura do campo no que diz respeito ao pedagógico através da contextualização realizada, porém ainda há necessidade de dar ênfase na construção de uma identidade cultural local.

Acreditamos que o momento destinado às oficinas nos possibilitaria essa construção tendo em vista que não se percebe uma identidade cultural no alunado, as oficinas de artesanato, pintura, bordado nos remetem ao campo, as demais oficinas como a de experimentos, matemática, português, atualidades e as demais voltadas ao ensino aprendizagem até procuram realizar atividades voltadas para o campo, mas não ênfase à cultura local.

Assim as oficinas deveriam ser

selecionados a partir do significado que têm para determinada comunidade escolar. Tal seleção requer procedimentos de investigação por parte do professor” (DCE do Campo, p.29)

Desta forma é necessário que se estabeleça uma metodologia dialógica, onde haja investigação constante sobre o direcionamento das oficinas, para que as oficinas sejam atrativas ao mesmo tempo despertem o interesse pela cultura do campo.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação**. Em Aberto, Brasília, v. 14, n. 61, p. 60-78, 1994.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. 12 ed.: Papirus, 2005.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquin Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortês, 1992.

Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo. CNE/MEC, Brasília, 2002.

FAZENDA, Ivani C. **A integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro.Efetividade ou Ideologia.** São Paulo: Edições Loyola,1992.

FREIRE,Paulo. **A importância do ato de ler.**São Paulo: Cortez (Coleção polêmicas do nosso tempo),1986.

FURQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HALL, Stuart (1997). **A Centralidade da cultura notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.**Educação e Realidade, v. 22, nº 2, Jul/dez.,p.17-46.

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto (orgs). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física:** alternativas metodológicas. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 2004

MOREIRA, Antonio F. B.; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física na cultura escolar: o que é um componente curricular?. In: CAPARROZ, Francisco Eduardo (org.). **Educação Física escolar:** política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001.